

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redator principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Membro da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI — Número 1.696

Sexta-feira, 6 de Junho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 33-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 111 e 113

Um deputado no parlamento apoiou o actual ministério de "governo de assassinos". O país não quer ser governado por assassinos!

## CARTA ABERTA DA UNIÃO DOS SINDICATOS OPERARIOS DE LISBOA AO GOVÉRNO E Á CÂMARA DOS DEPUTADOS

### CIDADÃOS DEPUTADOS:

Pretendendo o poder executivo, contrariamente a todos os princípios de Justiça e Humanidade, conseguir sejam deportados, para qualquer colónia, os presos de delitos de motivo social, indispensável, justo e oportunamente se torna fazer sentir, Senhores, o peso da iniquidade que o fere.

Os operários encarcerados agora no presídio da Trácia são os mesmos ou parte dos que estiveram presos quasi um ano em São Julião da Barra.

Depois de 3, 4 e 5 meses de cativeiro, naquela torre, a Direcção da Segurança do Estado não puderam mar-lhes processo em condições de serem presentes ao tribunal por falta de provas e testemunhas, foram mandados em liberdade uns, e a outros legalizada a sua saída de livres, por terem fugido e se apresentado mais tarde.

Acontece agora, porém, que foram novamente presos, por motivo dos últimos atentados, e, o mais interessante é que, a acusação que lhes é movida tem a origem nos atentados anteriores ao seu enclausuramento em São Julião da Barra.

Ora desde que foram soltos por falta de provas, o passado, o cadastro elaborado, então, cessava por existência do fundamento jurídico.

Sucede ainda que aos operários mortos nos Olivais atribuiu uma série de atentados, por parte da polícia, que são também acusados os que se acham na Trácia. E desta conjuntura oferece-se-nos dizer: Ou os foram mortos, foram, na verdade, os autores dos atentados dinamitistas e os presos estão inocentes e nesse caso a polícia pactuou com eles porque os mandou em liberdade, visto que os não interrogou depois de mortos, ou desde então aquele momento eles foram detidos, ou não está simplesmente injuriando a sua memória, sem querer o que diz e o que faz.

Entretanto que esta monstruosidade jurídica se passa outras monstruosidades civis se cometem por incompetência da polícia e determinação do seu comissário geral. Aqui, não se pode talvez imputar-se responsável um membro que tem todas as características de um epileptico,

cujas manifestações são, certamente, resultantes da influência mórbida dum tara ancestral.

Mas também, a população é que não pode estar sujeita ao arbítrio, à prepotência, à grosseria continua que a vox e deprime a sua qualidade de cidadãos de um país civilizado.

Em todos os países em que o princípio da sociedade tem por base jurídica e política o respeito e o direito comum das liberdades, a corporação da polícia cívica é positivamente um corpo de agentes de segurança pública, prestando a sua intervenção e assistência, com cívismo, dedicação e superior respeito pela lei, em todos os conflitos acidentes etc., em que a justiça e a punição se deve fazer sentir sobre o delinquente e o auxílio e disvelo sobre o ferido ou o inválido. Em Portugal, para vergonha de quem tolera tais desmandos, a polícia é apenas um corpo de agentes de agressão pública.

Não se diga, porém, que as exorbitâncias sucedem por seu livre arbítrio. A pesar da sua falta de preparação mental e cívica ela é instigada ou pelo menos estimulada na obsessão do ataque.

Há poucos dias foi pelo sr. ministro do Interior lavada, no Parlamento, a atitude assumida pela polícia nos Olivais a câmara apoio.

Se isso sucedeu após a ocorrência por falta de informação fidedigna, não se comprehende que se tivesse guardado absoluto silêncio e aceitado tacitamente os factos depois de pela *A Batalha* ter sido relatado o fusilamento dos operários que já então estavam feridos e depois de terem estado na esquadra, com bastas provas testemunhais.

Mas isto sucedeu, senhores, porque se tratava de operários, porque se tratava de párias, era gente da ralé!

Todavia neste momento 18 ou 20 oficiais aviadores desobedecem ao poder executivo e ao poder militar. Não queremos apoiá-los nesse acto de galharda bravura e estoicismo, pelo contrário; de resto os princípios porque se norteia a nossa ação são muito antagónicos aos dessas classes. Fazemos apenas uma ingénua comparação.

São 20 homens que respondem a um acto inconstitucional, com outro acto inconstitucional, infringindo

ainda o Regulamento Disciplinar do Exército, porque são militares. Não hostilizámos pessoalmente ninguém mas não se deixámos prender, defendendo-se inclusivamente a tiro, com risco da própria vida; éles o dizem.

Há neste acto, evidentemente, uma tam elevada nobreza, uma tam pasmosa coragem e decisão que deixa perplexa toda a Câmara, com aplauso duma boa parte. Nós também admiramos porque vemos nisto uma afirmação de liberdade em que a noção da personalidade irrompe a negar a eficácia da autocracia como meio de dominar os povos.

Mas, meditai, senhores, interrogai a vossa consciência e a vossa integridade de legisladores.

Se os aviadores acham inconstitucional a obra do governo, no que se lhes refere, não será, porventura, mais inconstitucional o facto de se prender operários, em casa, às 3 horas da manhã? Não será mais inconstitucional prender duas mulheres, sendo uma septuagenária (uma mulher que podia ser vossa mãe) simplesmente por recolherem o produto duma subscrição, entre gente que vive honradamente, do seu labor, para as famílias das vítimas dos Olivais?

Olhai que é bem pouco isto. Não pedimos uma decoração porque não exalçamos o crime!

Agora, que dizeis vós, Senhores, se os operários que são presos inconstitucionalmente, em casa, às 3 horas da manhã, responderem do mesmo modo, defendendo-se a tiro? Deveis convir que, em boa verdade, tinham esse direito com o beneplácito de alguns de vós.

Que dizeis vós, se estivessem 18 jovens comunistas ou não, encarcerados na Amadora, dispostos a resistir aos captores?

— É preciso guardar as distâncias. — Mas estes têm mais liberdade de o fazer, porque não têm tam perfeita noção da disciplina, nem são oficiais do exército para darem o exemplo.

Mas então os homens que se acham presos não merecem igual atenção? Pretende o governo afastá-los do continente com o pretexto de que se exerça coação sobre os jurados, com ameaças, porque os absolvem. Mas de que poderá ter receio o homem, dado que isso seja verdade, que tem a consciência tranquila de ter cumprido

o seu dever? Não implorámos perdão. Exigimos tam simplesmente justiça e ninguém se sinta mal pelo que é justo.

Javert, matou-se, por não o ser uma vez na vida. Ainda não há muito tempo que um júri absolveu, sem coacções, um preso que se acha no Limoelos, e alguém na Câmara pretendia, por isso, abolir a constituição do júri. Depois disto, como se poderá atribuir aos operários desprestígio por aquél, se a instituição que o criou nega idoneidade?

Não, Senhores, não se diga que se pretende fugir às responsabilidades. Pretende-se justiça e decrto, simplesmente.

Há também entre os presos da Trafaria, um outro que há poucas semanas foi julgado e absolvido por não se provar a acusação, e não tendo desde então, sido acusado de mais algum delito. Porque está preso?

Resalta, por isto, nitidamente, o desejo de perseguir, de torturar, de reduzir à miséria as famílias e levar o povo à rebelião.

Não está longe ainda o eco, vibrado na Rotunda, do brado da Revolução francesa que tornava invioláveis os direitos do cidadão.

Para decrto do Parlamento, para prestígio do regime que vos servis, para o bem estar de todo o povo, isto não pode continuar assim.

Não, Senhores, vós não podeis sancionar isso. Se o fizermos, dir-se-há que os legisladores cometem a maior das iniquidades, enovalhando-se na cópia do 13 de Fevereiro, e provando eficientemente a nulidade dos fundamentos da constituição vigente.

Não. A Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, há de reviver, por muito que o não queiram, mais forte, mais profunda e mais radiante em toda a sua juventude.

E se um véu de iniquidade cobre vergonhosamente essa augusta Figura, nós não sabemos, Senhores, se podemos desejá-vos

### Saúde e Fraternidade

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa

## ASSASSINOS! ASSASSINOS!

Francisco da Aragão

Acompanhando o artigo que a seguir publicamos, enviamos-nos o nosso preso amigo, dr. sr. Da Cunha Dias, uma carta breve, justificando o motivo por que escolheu *A Batalha*, para exprimir a sua opinião. A sua justificação é lógica: «decerto os jornais republicanos não publicaram os seus conceitos desassombrados».

Penhoras-nos bastante a escolha que o dr. sr. Da Cunha Dias, fez. Demonstra ele que, embora não comungando nos nossos ideais, aquele nosso amigo confia na nossa honestidade, e sabe que não podem defender ideias, actos e intenções limpos; senão em publicações limpas.

Eis o artigo:

Os jornais da noite de ontem, e raros sublinhando o caso com o relévo que merece, informam que o major Francisco da Aragão tendo exortado as tentativas de conciliação honrosa se decidiu a ficar no campo da Amadora, acompanhando nesse gesto nobre de protesto os amigos aviadores.

O crime dos Olivais, ficará registado na História dos atentados oficiais, dos atentados da «ordem», como o mais brutal, o mais hediondo!

E o culíu do malvadez! E' o máximo da baixez!

Deus, ésses Deus que a católica Epoca, iniciadora do tremendo crime, a tóda a hora evoca, não patenteou a sua indignação perante tanta lama mortal!

Pobre dos malvados, ai dos assassinos desse espécie, se de facto Deus existisse e fosse vingador como o apresentam!

O crime dos Olivais, ficará registado na História dos atentados oficiais, dos atentados da «ordem», como o mais brutal, o mais hediondo!

E fez sobre o crime, nas estações de trens, um silêncio sinistro. Mas a consciência do povo exige uma reparação, quer que por qualquer forma se dê às famílias das vítimas uma satisfação, que não se lhes pôde restituir a vida dos entes queridos.

Muito custa a morrer este governo que para si agoniza. Tem a pesar-lhe a consciência o crime dos Olivais.

Assassinos!

Sim, assassinos! O governo tem as manchas de sangue. E o parlamento, se não quiser também ficar marcado, deve quanto antes derribar o governo.

O parlamento não pode coexistir com um governo que foi, como apodado de assassino!

Assassinos!

Sim, assassinos! O governo tem as manchas de sangue. E o parlamento, se não quiser também ficar marcado, deve quanto antes derribar o governo.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O sr. Alfredo Guizado escreveu à Academia Galega a perguntar pelos antepassados de Camões. A referida academia enviou uma carta muito amavel,

na qual com uma lógica irrefutável sustentava a opinião de que os antepassados de Camões já morreram.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Aragão transferido por motivos imprevistos.

O governo soube que a polícia fez

O major Francisco da Ar

## ABATALHA

## Teatro Nacional

HOJE - A's 14 horas - HOJE

## MATINEE GRATUITA

comemorando o centenário do grande poeta

## Luis de Camões

com a peça histórica

## O CRIME DE ARRONCHES

BREVEMENTE - Inauguração da época de verão

## OPERARIOS CORTICEIROS

## A luta por aumento de salário mantém-se firme em todo o país

A classe corticeira, que há 37 dias tem lutado por melhorias de situação económica, tem demonstrado uma coesão digna de figurar ao lado de outras lutas que a mesma classe tem travado contra o industrialismo em outras épocas.

Alarma assim mais uma vez a sua consciência revolucionária e o seu espírito de resistência, embora com grandes dificuldades já venha lutando, porque mais de um mês de greve era caso para desanimar os mais fortes em virtude da falta de recursos.

Porém, os operários corticeiros, reconhecendo que o seu lado está toda a razão, quando se lançaram na greve fôr na disposição de só retomar o trabalho quando os industriais fizesssem justiça às suas reclamações e a Federação desse o movimento por terminado.

E assim permanecem na luta pelo pão dos seus, não obstante a solução do conflito já se ir demorando e a miséria assentilar arraialos nos já desprovidos lares dos corticeiros. Parece, no entanto, que estas dificuldades milis animam os grevistas a prosseguir na luta em que estão empenhados, chegando a esquecer-se dos sacrifícios que são obrigados a suportar.

E' uma luta de verdadeiros heróis, que só dignifica a classe a que pertencem e os impõe à consideração da respeitante organização operária que já lhes vai prestando a sua solidariedade para que os corticeiros vengam.

As manifestações de solidariedade que se vão produzindo em todo o país, confirmam o que dizemos.

A Secção de Corticeiros da Associação Industrial Portuguesa comunicou ontem à Federação Corticeira as deliberações tomadas na véspera em reunião das industriais. Para serem apreciadas essas deliberações, reúne hoje o conselho federal, não o tendo podido fazer ontem em virtude de os respectivos delegados não terem comparecido por falta de conhecimento.

## Federación Corticeira Nacional

Reúne hoje o conselho federal, pelas 9 horas da manhã, sendo necessária a comparecência de todos os delegados diretos e indiretos à hora indicada.

## Reuniões para hoje

Para tomarem conhecimento e deliberarem sobre o movimento, reunem-se hoje, pelas 18 horas, os corticeiros das seguintes localidades:

Aldeagalega, Almada, Alhos Vedros, Barreiro, Belém, Moita, Poco do Bispo e Seixal.

## Aldeagalega

ALDEAGALEGA, 4. - Reúnem os operários corticeiros desta localidade para apreciarem o estado do movimento, sendo agraciada a sua linha de conduta, mantendo-se a greve sem defesas e resolvendo a classe acatar as liberações da Federação.

Temos a registrar mais uma proesa da sr. Manuel Belchior, chefe da estação do caminho de ferro desta localidade. Tendo chegado aqui um vagão carregado de ripas para emparadeiras de farões das apáras para a firma Mundet e sendo a descarga à conta da mesma firma, esta não conseguiu arranjar pessoal para esse efeito, mas o chefe da estação obriugou alguns dos seus subordinados a descarregar, lavrando o Sindicato um protesto contra a atitude do sr. Belchior.

Na classe reina grande entusiasmo.

## Federación Metalúrgica em Portugal

## Nota oficiosa da Comissão Administrativa

Tendo esta Federação necessidade de definir o Conselho Federal para resolver assuntos de transcendental importância, roga a todos os sindicatos aderentes que a nomeação dos seus representantes ao mesmo Conselho.

Espera a Comissão Administrativa que lhe seja dada a resposta o mais breve possível para o bom desempenho da sua missão.

## C. G. T. Comité Confederal reúne hoje pelas 21 horas.

devido ao crime dos Olivais que é ao nosso ver um dos crimes mais revoltantes que se tem dado em Portugal e contra elas lavramos o nosso mais indignado protesto em nome dos Rurais de Alpiarca.

A direção do sindicato dos Impresores Tipográficos, protestando indignadamente contra as ações de A Batalha, exorta todos os componentes da classe a propagandear e a fazer circular, através de todas as contrariações, a porta-voz da organização operária.

Protestaram também contra a perseguição de que está sendo vítima o nosso jornal os sindicatos dos Encadernadores e Anexos, da Construção Civil do Porto e dos Empregados de Escritório.

## UM CLAMOR ANGUSTIOSO

que se eleva das profundidades do Forte de Monsanto às colunas de «A Batalha»

(Carta aberta ao sr. Presidente da República e ao sr. Ministro da Justiça)

Francisco Marques Candieira, recusado na sala 2, do forte de Monsanto, numa carta que me enviou, há pouco, chama a atenção dos poderes públicos sobre o que ali se passa e é de molde a causar arrepios, ainda aos mais flewmáticos ou indiferentes aos sofrimentos alheios.

Na sua obra intitulada «Reforma Pequeniária», publicada em Lisboa, em 1885, diz o dr. João da Silva Matos: «Quizeremos dizer maravilhas das nossas prisões, mas, mal grado nosso, temos só a contar desgraças. Isto vamos fazer sem folgarmos a história dos episitos ultrajantes soldados sempre por corações generosos que se revoltam contra a maneira cruel porque temos tratado até agora os que são privados da sua liberdade.

«As provisões que se adoptaram para melhorar o estado vergonhoso das nossas prisões, mas, mal grado nosso, temos só a contar desgraças. Isto vamos fazer sem folgarmos a história dos episitos ultrajantes soldados sempre por corações generosos que se revoltam contra a maneira cruel porque temos tratado até agora os que são privados da sua liberdade.

«O mal estava profundo e inverteido e tinha de ser corrigido pela raiz».

«Para isso é mister fazer um código especial, sobre o regime interior das prisões, em comum, do reino, reservadas ainda para existência duradoura».

«Os presos não podem continuar a viver entregues ao arbitrio dos directores e dos carcereiros, e sujeitos ao mandado odioso dos lacinhos que ali governam, em nome da lei».

«Abandonar o delinquente à porta da prisão para o lançar na lama e nos vícios da enxovia, sabendo, ao certo, que vai refinar em vilesa ou calejar em malvadez, é a maior e a mais assombrosa de todas as atrocidades».

Corroboram as asserções acima transcritas, vejamos o que diz o recluso Candieira, na sua supracitada carta:

«Encontram-se aqui, aguardando destino, uns cento e cinquenta condenados a prisão maior, sendo em um deles, e há também infelizes que, talvez pelo roubo dum pão ou pouco mais, já cumpriram oito e nove anos de penitenciária que, passa de dois anos, reclamam em meu sentimento e à minha razão; a única que eu reconheço nos homens, além da miséria da virtude.

Assim o exige a justiça e assim o exigem os que sofrem e padecem nas prisões do Estado, sobretudo os que não sabem ou não podem defender-se.

«Ao concluir faço votos ardentes para que estas lutas produzam rapidamente o efeito desejado e necessário.

SS. Ex.º, os destinatários, resolverão para o prestígio da Lei, da Justiça e da Repúblia, em desagravo de muitos infelizes que, se bem reflectires, reconheceres que não são causadores nem culpados dos delitos cuja responsabilidade se lhes atribui.

Lisboa, 1 de Junho de 1924.

José BENEDY

## Telefonia sem fios

SIDNEY, 5. - Dera explêndidos resultados as experiências feitas com a telefonia sem fios, sistema Marconi, entre esta cidade e a estação de Poldini numântia distâncias superior a 18.000 quilômetros.

SECRETARIADO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA JURÍDICA E SOLIDARIEDADE

Lisboa. - Federação dos Empregados no Comércio - Manuel Rodrigues, precisamos hoje da vossa compreensão neste secretariado.

Federações

METALÚRGICA

Braga, Torres Novas, Vieira de Leiria, Pórtio, Olhão. - Informem-se receberem expediente.

PONTAÍM. - Segue hoje expediente.

AJUSTREL. - Vamos responder ao vosso ofício.

Mutualismo e Cooperativismo

Cooperativa "A Xabreguense" - Reúne hoje, pelas 20.30, em assembleia geral, para nomeação de cargos vagos e outros assuntos.

Solidariedade

Convidam-se todos os camaradas que tenham bilhetes para a festa em auxílio de Amâncio Prazeres, a prestar contas hoje, às 21 horas, pois de contrário são considerados vendidos todos os bilhetes.

Do Grupo os Sem Pátria, de New Bedford, recebemos 132.000 para auxílio do processo de Manuel Ramos, e 33.000 para os presos por questões sociais

A angustiosa carta termina na invocatória lancinante dos seguintes versos de Gomes Lila, recentemente publicados no suplemento do jornal A Batalha,

**A crise de trabalho nas classes marítimas**

Há tempo a esta parte que entre as classes marítimas vem lavrando a crise de trabalho, de entre todas, uma há porém que mais tem sofrido com esta crise: é a classe dos estivadores.

Esta classe que comporta para cima de 700 trabalhadores, vem, desde que a crise se acentua, conseguindo apenas que uma minoria vá trabalhando com certa regularidade, enquanto a maioria com uma miséria atraç. E' precisamente este lamentável estado em que se encontra a grande maioria da classe, que nos leva a umas breves considerações, que baseiamos numa experiência já feita.

Na Associação de Classe dos Estivadores do Pórtio de Lisboa, todos os operários se encontram com os mesmos direitos à face de iguais deveres, e ainda é por virtude da Associação que o trabalho da estiva só pode ser feito pelo pessoal que à Associação pertence - os associados - excepto quando é trabalho de auxílio destes operários, abrindo queques nas obras e oficinas.

Para apreciar um novo ofício dos industriais, deve refinar hoje o conselho federal o qual não pode reunir ontem por não haver tempo de convocar os delegados.

Portanto, firmeza, corticeiros!

Este comité incita a classe a comparecer em massa as reuniões que se efectuam hoje, para mais uma vez tomar conhecimento das resoluções dos industriais.

A vante, camaradas! Viva a classe corticeira! Viva a greve!

SECRETARIADO NACIONAL DA CONSTRUÇÃO CIVIL

O Conselho Federal deste organismo, tendo em vista a situação dos operários da industria corticeira, que altivamente se encontram em greve para a conquista de melhoria de situação económica, melhoria essa que o industrialismo lhes nega, e reconhecendo que a miséria já penetrou nos seus lares humildes, sendendo portanto necessário que cumprimos o dever de os auxiliar necessariamente para que eles triunfem, apela para todos os sindicatos para que tenham em atenção o exposto, e ao operário para contribuir moralmente com o seu esforço para auxílio destes operários, abrindo queques nas obras e oficinas.

A importância das queques deve ser directamente enviada no mais curto prazo de tempo para esta Federação.

Que a solidariedade seja compreendida por todo o operário da construção civil é o que deseja o conselho federal.

Se em todos os tempos o princípio da distribuição do trabalho equitativamente pelos associados, é uma justiça ante a qual a Associação não pode vacilar, no momento presente em que a falta do trabalho é tam grande, já devia ter sido posto em prática criando a escala de trabalho de forma que a todos os associados seja dado ganhar o pão para si e para os seus.

Sabemos que há quem não aceite

este justo sistema de trabalho, mas a Associação compete pô-lo em prática, para dar à grande maioria dos estivadores que não trabalham, porque o trabalho é só para uns tantos, a certeza que aí existe para defendê-los interesses dos seus componentes em igualdade de circunstâncias. Porque é necessário que se diga: há estivadores que em 40 dias - na esperança de trabalho, aparecem na praça de conto - só têm conseguido trabalhar 4 dias, outros nem isso têm conseguido.

E enquanto o maior número fica sem trabalho, nós sabemos que na Companhia Nacional de Navegação, pouco

mais de 30 estivadores, trabalham duas semanas consecutivas fazendo sete horas diárias.

Isto é razoável, quando tanto e tamanhos estivadores que sabem respeitar e cumprir, com os seus deveres para com a Associação, permanecem meses seguidos sem conseguir trabalhar um dia.

A Associação, que defende o trabalho da estiva para os estivadores no mesmo

pé de igualdade, não deve consentir que este estado de coisas continue, é absolutamente indispensável que todos tenham iguais direitos, visto que a todos se exigem iguais deveres.

Para terminar: julgamos que para ser atenuada a defesa do trabalho para a classe, a Associação toma o compromisso de velar também pela execução do trabalho pelos associados. Este compromisso, não se limita apenas a velar pelo moral

da classe para que o seu prestígio se perca, ele exige também que a Associação regule a distribuição do trabalho que ela requer só para os trabalhadores que lhe são aderentes.

Se em todos os tempos o princípio da distribuição do trabalho equitativamente pelos associados, é uma justiça ante a qual a Associação não pode vacilar, no momento presente em que a falta do trabalho é tam grande, já devia ter sido posto em prática criando a escala de trabalho de forma que a todos os associados seja dado ganhar o pão para si e para os seus.

Sabemos que há quem não aceite

esta forma de trabalho, que faz com que muitos filhos de operários da estiva se tenham lançado na mendicidade empurrados pela fome.

Haja pois, mais humanidade, e bôa intenção de tornar o trabalho acessível a todos.

Linco Fernando ROMA. - Presidente Federação e Confederado

PROTESTO CONTRA O CRIME DOS OLIVAIOS

devido ao crime dos Olivais que é ao nosso ver um dos crimes mais revoltantes que se tem dado em Portugal e contra elas lavramos o nosso mais indignado protesto em nome dos Rurais de Alpiarca.

A direção do sindicato dos Impresores Tipográficos, protestando indignadamente contra as ações de A Batalha, exorta todos os componentes da classe a propagandear e a fazer circular, através de todas as contrariações, a porta-voz da organização operária.

Protestaram também contra a perseguição de que está sendo vítima o nosso

jornal os sindicatos dos Encadernadores e Anexos, da Construção Civil do Porto e dos Empregados de Escritório.

Reuniu ontem, tendo deliberado aprovar o proletariado da industria no sentido de tirar queques nas obras a favor dos grevistas corticeiros, sendo as respectivas listas distribuídas hoje, na sede.

Reuniu ontem, tendo deliberado aprovar o proletariado da industria no sentido de tirar queques nas obras a favor dos grevistas corticeiros, sendo as respectivas listas distribuídas hoje, na sede.

Reuniu ontem, tendo deliberado aprovar o proletariado da industria no sentido de tirar queques nas obras a favor dos grevistas corticeiros, sendo as respectivas listas distribuídas hoje, na sede.

Reuniu ontem, tendo deliberado aprovar o proletariado da industria no sentido de tirar queques nas obras a favor dos grevistas corticeiros, sendo as respectivas listas distribuídas hoje, na sede.

Reuniu ontem, tendo deliberado aprovar o proletariado da industria no sentido de tirar queques nas obras a favor dos grevistas corticeiros, sendo as respectivas listas distribuídas hoje, na sede.

Reuniu ontem, tendo deliberado aprovar o proletariado da industria no sentido de tirar queques nas obras a favor dos grevistas corticeiros, sendo as respectivas listas distribuídas hoje, na sede.

Reuniu ontem, tendo deliberado aprovar o proletariado da industria no sentido de tirar queques nas obras a favor dos grevistas corticeiros, sendo as respectivas listas distribuídas hoje, na sede.

</div

## CRÓNICA DO PORTO

## A escola para os argentários

Os estudantes pobres e o aumento do custo das propinas

PORTO, 4—Na importante reunião que os estudantes, pais e diretores das escolas efectuaram, a fim de melhor celerarem o movimento de protesto contra o agravio das propinas—pronunciou-se uma frase digna de todo o apreço: «O estômago parece querer esmagá-lo o cérebro...»

E' intuitivo que a alusão foi arremessada à testa do Estado. O Estado português, ou a República portuguesa, que vem a dar o mesmo, tem apenas esta preocupação corrente—degluir imensos capitais conseguidos à custa das maiores exações. A miséria do país, moral e material, é o seu mais lauto banquete.

O Estado, de facto, é uma queixada descomunal a mandibular a felicidade pública. A sua terrível dentadura, de ponteiras formosas, é incansável na sua acção canina de mastigar-nos em férias apléticas...

Sendo as principais funções do Estado de ordem estiomacial, só se lembra de govo, da massa trabalhadora manual e intelectual para lhe devorar todos os sacrifícios, para lhe roer todos os seus esforços, para sôfregamente lhe inegar a maior soma de bem estar espiritual e económico...

Na referida reunião, pois, acertadamente ficou demonstrado que a fécio estatal é um colossal banhão em perpétuo digestão, tanto mais acelerado, quanto maior for o agregado dos anci parasitários que constituem a incomensurável ténia governamental, política, burocrática, parlamentar, militarista e clerical, perfidamente solidária com os gajos miseráveis da moagem ladraus...

O Estado não é, nem nunca foi, um recheio de miolos equilibrados, mas um saco fundo de grossas tripas... foras, moendo tóda a seiva das populações laboriosas e defecando tóta a pudice dos seus latrocínios e das suas violências...

C. V. S.

## Com um tiro no peito

## POR ESSE MUNDO FORA

## RÚSSIA

## Produção de petróleo

LONDRES, 5.—Informações de Bakizem que começaram si as explorações de novos poços de petróleo cuja produção é avaliada em 70 mil puds diárias. Os industriais ingleses mostram-se muito interessados com o novo aumento da riqueza petrolífera russa.

## DINAMARCA

## Um congresso de higiene

COPENHAGUE, 5.—Inaugurou-se Congresso de Higiene convocado pelo comité de higiene da Liga das Nações. Estavam presentes 30 delegados.

## ESTADOS UNIDOS

## A emigração japonesa

NEW YORK, 5.—O presidente Spok Coolidge e o senhor Hughes secretário do estado exprimiram ao governo japonês o seu pesar pelas leis de imigração americanas que excluem os japoneses assegurando-lhe que não havia nenhuma intenção desprimatora para com o Japão.

## Morte dum metereologista

NEW YORK, 5.—O metereologista dr. Lecroy e o seu piloto Meissinger morreram vitimados por uma foice eléctrica que caiu sobre o balão em que se encontravam fazendo experiências, destruindo-o completamente.

## LIMAS

Lagos. — A. P. Pico. — Ficou pago até 31 de Maio.  
Covilhã. — M. Santos. — O último cheque recebido foi em 9 de Maio.  
Couço. — D. C. — Recebemos liquidação. A anomaliadade é, como verifica, dos correios.  
Tunes. — M. P. — Recebemos liquidação de Abril.  
Matosinhos. — C. T. — Vamos providenciar.

Trabalhadores. — Lide e propaganda o Su-

portamento de A Batalha

Marco postal

Lagos. — A. P. Pico. — Ficou pago

até 31 de Maio.

Covilhã. — M. Santos. — O último

cheque recebido foi em 9 de Maio.

Couço. — D. C. — Recebemos liquidação.

A anomaliadade é, como verifica,

dos correios.

Tunes. — M. P. — Recebemos liquidação de Abril.

Matosinhos. — C. T. — Vamos pro-

videnciar.

Vitória fez sinal a Tétrik; ele transpõe o limiar

soltando um profundo suspiro e dizendo com recolhimento:

— Senhor! senhor! dissipai a cegueira dos meus ini-

migos... perdão-lhes como eu lhes perdo...

A mão dos acampamentos, dirigindo-se à criada no

momento em que ela saiu atrás do chefe da Gália:

— Mora, estou abrasando... traze-me um copo

de água adoçada com um pouco de mel.

A criada fez um aceno de cabeça, e desapareceu

depois, bem como Tétrik que ficara um pouco no li-

mbar da porta.

— Ah! meu irmão! murmurou Vitória oprimida,

quando ficámos sós; a minha longa luta com

aquele homem exauriu-me as forças... a sua mal-

dade causa-me um abatimento doloroso... estou que-

brantada, olha, apalpa a minha mão, ela abraça!

— A insónia, a comoção do horror por muito tempo

reprimida, deram causa à sua agitação febril..., des-

canse um pouco, minha irmã; porque eu vou transcrever a sua conversação com aquele homem... Esta

tarde, justiça será feita.

— Tu tens razão; parece-me que se eu podesse

dormir ficaria aliviada... Vai, meu irmão, não aban-

dones a casa...

— Quere que diga a Sampso que venha velar junto

de si?

— Não..., prefiro estar só: o sono acudir-me-há

mais facilmente...

Mora apareceu neste momento trazendo um copo

cheio de beberagem, que ofereceu a sua ama. Esta

pegou no vaso e bebeu o conteúdo dele com avidez.

Deixando a minha colcha entregue aos cuidados da

sua criada, subi para o meu quarto a fim de transcrever fielmente as palavras de Tétrik. Terminava este

trabalho, começado havia duas horas, quando vi en-

trar Mora pálida e assustada.

— Scavoch, disse-me ela com voz arquejante, ve-

nhase... venha depressa... deixe essa escrita...

— Que se cede?

## A BATALHA NA PROVÍNCIA E NOS ARREDORES

## EM COIMBRA

## O conflito dos estudantes

## O Grupo de Estudantes Anarquistas "Labareda"

editou sobre o caso um bem redigido manifesto

COIMBRA, 4.—O grupo de estudantes anarquistas "Labareda", editou um manifesto, que foi profusamente distribuído, acerca dos últimos acontecimentos lamentáveis entre os estudantes e a população de Coimbra. Dessa manifestação, recordamos algumas passagens mais interessantes:

«Coerentes com os princípios de Paz, de Amor, que preconizamos, não temos o fanatismo da capa, odiamos o Preconceito, a praxe, com as suas regras estúpidas, ridículas, jesuíticas, despóticas, com o seu capítulo predileto, o tradicional ódio da futura».

E prossegue: «Analizando o progresso da cidade, do seu operariado, não se encontra uma justificação plausível para as rixas traicionais...»

Assistimos agora à erupção dum ódio contido que aproveitou um motivo para explodir de novo.

Temos constatado exageros de ambas as partes—não nos referindo já à interpretação estúpida e exacerbada das autoridades, mórmente da polícia e da guarda que aproveitaram a oportunidade para sacar um ódio velho contra os estudantes.

Dum lado, dos populares, o demasia escrupuloso em repelir um insulto que não merecia a importância que se lhe deu, e o processo pouco louvável de ignorância, — do outro, dos estudantes, uns estilos de superioridade arcaicos—remindâncias dum passado feudal.

Queríamos ver a ambos eles—intelectuais e manuais—marchar, unidos, para um Mundo melhor, para uma Terra mais ampla, mais ridente, menos angustiada, menos iniqua, menos podre que esta.

— Que o Povo é mau, tem instintos de fera, é ignorante? — Não, não é! O Povo é uma adorável criança, ingénua, só é mau para quem o maltrata, para quem o escarnece, para quem o explora.

— Ignorante — Mais então, vende até ele, iluminar-lhe o cérebro escuro, com os reverberos da vossa Ciência.

Oxalá esta boa doutrina contribua para apaziguar os ânimos que continuam exaltados.

## PORTIMÃO

## Um inimigo das classes trabalhadoras

PORTIMÃO, 4.—Pelo que nos dizem a reacção político-religiosa impõe no sul do país, principalmente em Portimão, onde um grupo de talassas se arrogava a direito de perseguir republicanos e avançados, como nos ominosos tempos da monarquia dos aventureiros.

E' certo que a maior responsabilidade éalguns republicanos que, a cada passo, mostram uma cobardia e egoísmo que bem pode chamar-se traição, não é menos certo que os avançados, também devem responder a cobardia audácia desses indivíduos que, há muito, deviam ter sido mortidos na ordem.

Ora, entre esses talassas destaca-se um hoteleiro de sangue azul, muito querido do gerram Sidônio, com a terrible tarefa de polícia, que, não contente em vomitar todo o santo dia as mais hilariantes baboseiras, lhe deu agora para perseguir inclusivamente alguns dos desgraçados que, inadvertidamente, he dão dinheiro a ganhar.

Monchique

## Indiferença pelos sindicatos

Estivemos nesta localidade no desempenho dum missão, aproveitando essa circunstância para analisar o que aqui se passa digno de interesse.

O que aqui se passa não é, infelizmente, de molde a regosar-nos. Existe, por um lado, uma grande indiferença dos operários pelo movimento associativo e por outro uma grande audácia parte dos reacionários locais.

Estivemos numa reunião da classe corticeira que foi muito concorrida por elementos das outras classes. Quando falávamos nessa reunião fomos interrompidos intempestivamente por um médico, o dr. José Júdice Samora Gil, que segundo nos contaram, capitaneava um grupo de amigos da "ordem".

Temos contudo, impressão de que não seria deserto fazer propaganda nesta localidade. O povo é bom e hospitalar. Desde que se compenetre que está sendo vilmente ludibriado pelos reacionários locais, não deixará de cumprir o seu dever passando a interessar-se pelos seus sindicatos e prepa-

rando-se para se defender contra a exploração capitalista.

E' necessário para isso que se faça nesta terra uma propaganda orientada, para quebrar aquela mentalidade operária que só queria servir a sua própria classe.

LIVRARIA BENASCENCA

Obras literárias, científicas, profissionais e artísticas de autores portugueses e estrangeiros.

Trabalhos tipográficos, carimbos e livros de escrituração, mapas de escrituração, mapas de descarga de cotas e de matriçais para Sindicatos, Cooperativas, Comunidades, etc.

Grande sortimento em material escolar, artigos de papelaria e escritório, sempre sem preços maiores do que os outros.

A grande variedade de artigos de papelaria, artigos de escritório, sempre sem preços maiores do que os outros.

Clube de Esperança—Animatógrafo.

Promotora (Largo do Calvario)—Animatógrafo.

EDEN-CINEMA (Rua do Alvito)—Animatógrafo.

Festas artísticas

A grande atração teatral da noite de hoje é a récita em São Carlos, dedicada ao ilustre actor Erico Braga, que escolheu para a sua festa a primeira representação da peça em 3 actos de Bernardo, "Apré moi...". Lucília Simões tem pena o principal papel feminino, na qual apresentará uma nova criação que vai enfileirar entre as mais brilhantes da sua gloriosa carreira artística. Erico Braga tem a seu cargo o papel de mais destaque entre o elemento masculino.

Notícias

As duas mais ilustres artistas da escena contemporânea, que representam em

## TEATROS &amp; CINEMAS

## Coliseu dos Recreios

## Orfeão Académico de Coimbra

Com a mesma enorme concorrência, com o mesmo entusiasmo da véspera, realizou-se no Coliseu dos Recreios o segundo certame orfeônico dos estudantes coimbrões.

Mais seguros, com mais rigorosa afilação em todos os níveis, o Orfeão Académico de Coimbra, patenteou mais uma vez a explêndida orientação musical que lhe assiste, e que muito honra António J. Yee, nome já inconfundível nestas manifestações de estudo.

Houve na récita notas interessantes. António Menano cantou muitíssimo bem e leve o arrijo "Uteríria", de dizer uma quadra que redundava, na sua essência, em anti-militarismo, porque nela se preconiza a substituição das batonetas, com o emprego do aço que as fabrica, em enxadas produtivas. O que diria o ouvir a tal quadra, o seu irmão Paulo Menano, que ainda há pouco desempenhava a função de director da Polícia de Investigação Criminal, por onde teve passado processos de individuos acusados de anti-militarismo?

Outra nota curiosa foi a de ter um espectáculo do Eden, com a graciosa revista "Fruto Proibido", o grandioso êxito da Companhia Otelo de Carvalho. Agora, ampliada com a "Canção heróica", por Adelina Fernandes, e com muitos outros sensacionais atractivos, e preços populares, o "Fruto Proibido" constitui um divertimento admirável, que bem merece a enorme concorrência com que o público distingue o Eden.

Continuam em foco os esplêndidos espetáculos do Eden, com a graciosa revista "Fruto Proibido", o grandioso êxito da Companhia Otelo de Carvalho. Agora, ampliada com a "Canção heróica", por Adelina Fernandes, e com muitos outros sensacionais atractivos, e preços populares, o "Fruto Proibido" constitui um divertimento admirável, que bem merece a enorme concorrência com que o público distingue o Eden.

— Repete-se esta noite, no Apolo, a divertidíssima comédia "O Comissário de Policia", em que Maria Matos, Silvestre Alegri e Artur Rodrigues, são de uma alegre comédia. Os aplausos foram vibrantes em todos os finais de acto.

## Agenda de A BATALHA

## CALENDÁRIO DE JUNHO

D.	1	8	15	22	29	HOJE O SOL

# A BATALHA

## SECÇÃO DE LIVRARIA

### "A BATALHA"

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. É a ignorância. Como aniquilá-lo? Lendo, lendo muito, lendo sempre e refletindo no que se le.

Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante a remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente — Encomendas postais até 5 quilos \$500, pacotes até 2 quilos \$15 cada 50 gramas, e mais \$40 para registo em cada pacote. Ilhas — Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal — Pacotes de 2 quilos \$500. América do Norte — Pacotes até 5 quilos, \$500.

## Publicações sociológicas

	Pelo correio	Pelo correio
Organização Socialista Russa	5000	5000
Antonelli — A Rússia Socialista	2200	2000
A Comuna — A monarquia e o proletariado	850	850
Porquenão creio em Deus	1850	1850
O Proletariado Histórico	850	1850
Agência Lux		
O Sindicato e os interesses	850	850
Bieland — A greve geral	850	850
Bacelino — No sentido em que somos anarquistas	850	850
Carlos Ribeiro — A utopia do Proletariado	1850	1850
Opiniões — Porque não creio em Deus	1850	1850
Chaves — Como não ser anarquista	850	850
Sr. Albert — O amor livre	850	850
Content — Contos ocasionais	850	850
Dufour — O sindicalismo e a propriedade revolucionária	850	850
Emílio Soave — Costa Nauca	5000	6000
Eliseo Rodo — A evolução social e a anarquia	850	850
Elisavet — A alma deserta	850	850
Gen. Williams — Relatório dos delegados do L. W. W. ao congresso da L. S. V. de Moscou	2600	2600
Glauber — A questão social a Brasileira	850	850
O. N. M. — Procriação consciente	850	850
Pedroso — As primeiras consciências da guerra	5000	6000
Ensinamentos sociológicos da guerra	5000	6000
Buyau — Ensino da moral e obrigações na sanção	4500	5000
Educação e Hereditariedade	350	350
A conferência da Paz e a guerra	4500	5000
Associação da guerra mundial	850	850
O movimento operário na Gran-Bretanha	500	6000
Psicologia dosocialista-anarquista	500	6000
A Crise do Socialismo	850	850

Pelo correio

Henrique Leone — O Sindicato

Heliócoro Satgado — Ocupa da imaculada

Meninas e meninos — Magia morte

Jean Graver — As Sociedades Filantrópicas

João Góis — O Sindicato

Clero — O Sindicato

Joseph J. Eitor — Unionismo Industrial

Júlio Guedes — A lei das si

Justus — Excerto — Os L. W. W.

Carlos Ribeiro — A utopia do Proletariado

Opiniões — Porque não creio em Deus

Chaves — Como não ser anarquista

Sr. Albert — O amor livre

Content — Contos ocasionais

Dufour — O sindicalismo e a propriedade revolucionária

Emílio Soave — Costa Nauca

Eliseo Rodo — A evolução social e a anarquia

Elisavet — A alma deserta

Gen. Williams — Relatório dos delegados do L. W. W. ao congresso da L. S. V. de Moscou

Glauber — A questão social a Brasileira

O. N. M. — Procriação consciente

Pedroso — As primeiras consciências da guerra

Ensinamentos sociológicos da guerra

Buyau — Ensino da moral e obrigações na sanção

Educação e Hereditariedade

A conferência da Paz e a guerra

Associação da guerra mundial

O movimento operário na Gran-Bretanha

Psicologia dosocialista-anarquista

A Crise do Socialismo

Pelo correio

Trostky — Constituição Política da República dos Soviétas

Um do Nos — A Canhota

Ultimas páginas

Ernesto da Silva — Teatro li

vo e Artesanal

Ernesto Haacke — Origem do folclore

Oceania — Ossuários do universo

Monsanto

Faquet

Iniciativa filosófica

Imagem mortal

Paria de Vasconcelos

O Ensino Ethico Social

Problemas escolares

Por terras de diabo

Cartas (2 volumes)

Adelmo Lima

Contrato de Trabalho

Educação e ensino

Alfredo Neves Dias — Razão

Espresso social

Audiência

Estrela da Lua

Contos aula

Felix Le Dantec

As influen

ciaes ancestrais

Fausto de Almeida

Estudos de Arte e Sustânia

Contos

A Esquina

Aves Migradoras

Barbear, pentear

Cinco de Maio

Cartas das Univas

Sabian Quantos

Vida Iônica

Osvaldo

O Fado do Padre Eterno

O Alcool e Gente Moça

A Morte e Ordinário marcha

Binet-Sanglé — A Longura de je

sus

Charles Darwin — Origem das espécies

Campos Lima — O Estado e a evolução do Direito

Eça de Queiroz: (\*)

O Príncipe Bispo

O N.º 1

O N.º 2

O N.º 3

O N.º 4

O N.º 5

O N.º 6

O N.º 7

O N.º 8

O N.º 9

O N.º 10

O N.º 11

O N.º 12

O N.º 13

O N.º 14

O N.º 15

O N.º 16

O N.º 17

O N.º 18

O N.º 19

O N.º 20

O N.º 21

O N.º 22

O N.º 23

O N.º 24

O N.º 25

O N.º 26

O N.º 27

O N.º 28

O N.º 29

O N.º 30

O N.º 31

O N.º 32

O N.º 33

O N.º 34

O N.º 35

O N.º 36

O N.º 37

O N.º 38

O N.º 39

O N.º 40

O N.º 41

O N.º 42

O N.º 43

O N.º 44

O N.º 45

O N.º 46

O N.º 47

O N.º 48

O N.º 49

O N.º 50

O N.º 51

O N.º 52

O N.º 53

O N.º 54

O N.º 55

O N.º 56

O N.º 57

O N.º 58